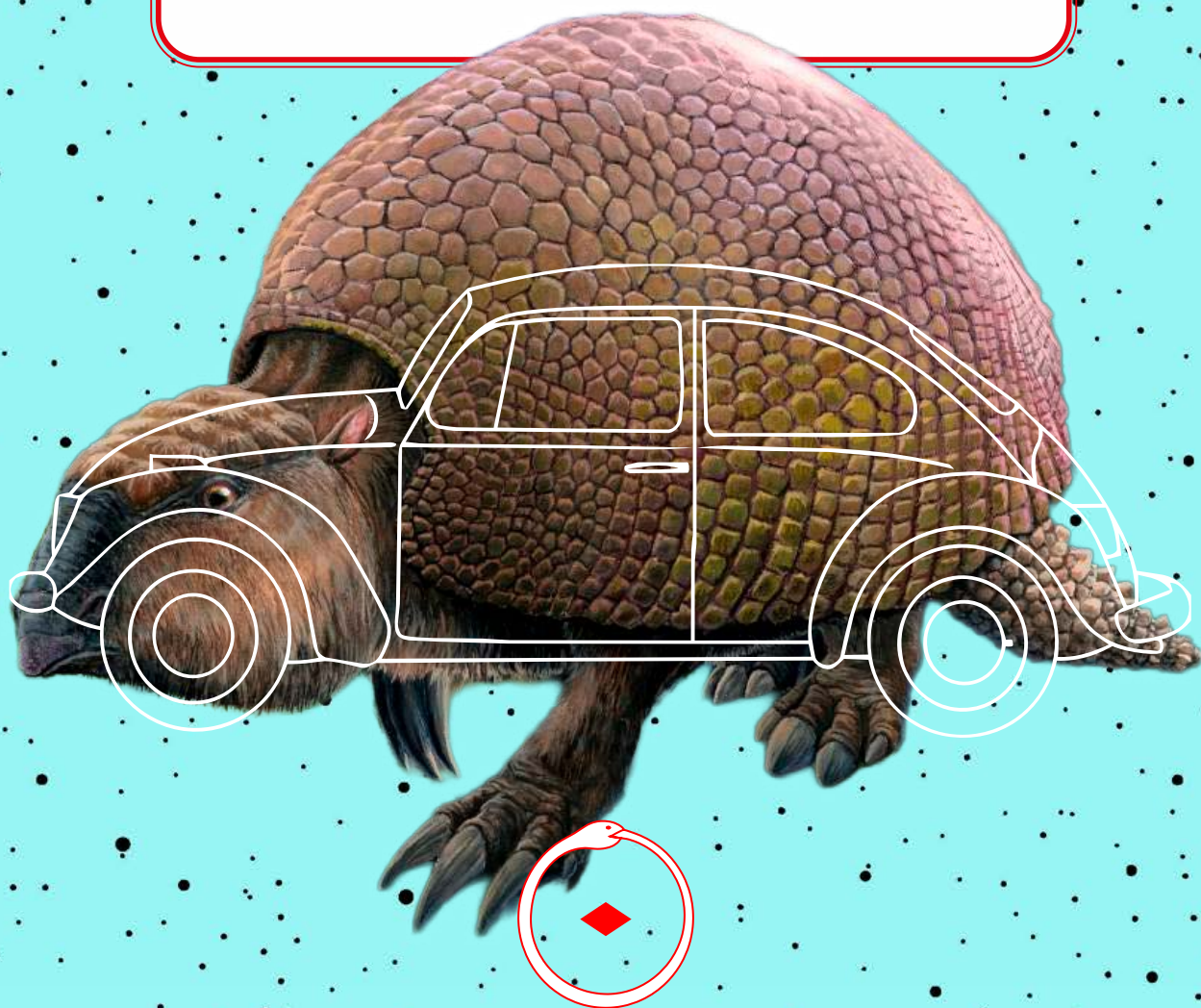
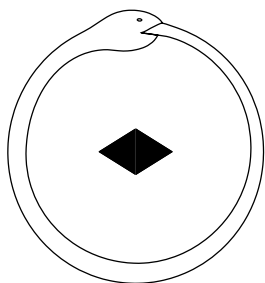


MEMORAL
Gerrie Schrik



cadernos
SELVAGEM



MEMORAL
MEMÓRIA & MEMORIZAÇÃO
Gerrie Schrik

*Esse caderno dialoga com o caderno [Tudo na Memória](#),
de Lynne Kelly, publicado na [página Cadernos](#) do site Selvagem.*

Memória e memorização muitas vezes são relegadas a um segundo plano. Associamos a práticas escolares chatas. “Por que teria que lembrar tudo? É só buscar a informação!” É comum também a ideia de que a memória é limitada, que tem um espaço definido que não compensaria encher com detalhes. Mas é a memória de computador que tem espaço limitado, a humana não: quanto mais você lembra, mais você vai lembrar. Quanto mais você treina, mais conexões cerebrais novas vão surgir, mais você vai entender, mais você lembrará. E como as tradições orais milenares provam¹: memória transgeracional é resiliente, não depende de materiais ou aparelhos que degeneram, nem de eletricidade ou conexões de internet que podem falhar². Com certeza, uma coisa não exclui a outra: podemos usar o computador e a nossa cabeça. Vamos usar a tela e também a nossa memória, conversar com outras pessoas, trocar ideias pessoalmente, praticar a escuta profunda, gerar novas ideias em conjunto em lugares significativos? Assim, sai do individual, fica menos passivo e mais memorável.

1. Patrick Nunn pesquisa geologia e mudanças climáticas em histórias orais, veja por exemplo aqui: <https://theconversation.com/ancient-aboriginal-stories-preserve-history-of-a-rise-in-sea-level-36010> e aqui: <https://aeon.co/essays/the-stories-of-oral-societies-arent-myths-theyre-records>.

2. Tyson Yunkaporta, escritor e pesquisador Aborigine do clã *Apalech*, traz este ponto, como por exemplo aqui: <https://emergencemagazine.org/conversation/deep-time-diligence/>.

Para ilustrar a longevidade de memórias ancestrais, aqui uma história dos territórios *Kitasoo Xai'Xais*³ e *Gitga'at*⁴, do *Great Bear Rainforest*⁵, uma extensa floresta temperada na costa pacífica do Canadá. Os Ursos Kermode, *Ursus americanus kermodei*, também chamados de 'Ursos Espírito', são endêmicos dessa região. Uma parte destes ursos negros são brancos, mas não são albinos, nem Ursos Polares...

“Corvo, o criador, queria lembrar aos povos *Kitasoo Xai'xais* de um tempo quando estas terras estavam cobertas de gelo, então ele decidiu fazer um urso branco em cada dez ursos negros. O urso branco nos lembra de termos gratidão pela terra farta e generosa de hoje.”⁶



Foto: Douglas Neasloss
Contato: dougneasloss@gmail.com

3. <https://klemtu.com/>

4. <https://www.gitgaatnation.ca/>

5. A fundação indígena para pesquisa científica, tradicional e de ecologia local e sobre o acordo da floresta: <https://www.indigenousguardianstoolkit.ca/story/spirit-bear-research-foundation-research-rooted-indigenous-knowledge-and-community-values> e <https://coastalfirstnations.ca/initiatives/great-bear-rainforest-agreement/>

6. <https://spiritbear.com/wildlife/spirit-bear/> “The creator Raven wanted to remind the *Kitasoo Xai'xais* Peoples of a time when this land was covered in ice, so he decided to turn one in ten black bears white. The white bear reminds us to be thankful for the lush and bountiful land of today.”

Os indígenas não falavam muito desses ursos sagrados, e eles acabaram relegados para o campo da mitologia; portanto, supostamente inexistentes. Tanto que eles eram desconhecidos pela ciência ocidental até 1905, quando foram “descobertos”, e se supôs que era uma espécie distinta dos ursos pretos da região. Acabaram por cair no esquecimento outra vez. A pedido dos povos, houve pesquisa⁷, publicada em 2020, com coleta de DNA de maneira não invasiva, e ficou claro que uma mutação genética recessiva, a mesma que leva a cabelos vermelhos em humanos, causava a coloração clara. Cientistas acreditam que o pelo branco pode ter evoluído como proteção⁸ durante a última era glacial. O pelo branco facilita a pesca, por ser mais difícil de ver debaixo d’água, o que pode ter levado à persistência⁹ dessa coloração. Essa história *Kitasoo Xai’xais* traz, portanto, uma memória milenar, da era glacial!

“INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL”

Acontece que, ao começar a escrever, começamos a nos distanciar fisicamente dos nossos pensamentos. Saíram do nosso corpo, se desconectaram da paisagem e foram para o papel e afins. Ao usar computadores, aceleramos o processo da escrita e a estocagem de informação. Ao guardar textos e imagens na nuvem, nos distanciamos mais ainda, e os nossos pensamentos deixaram de ter uma forma física concreta, viraram códigos binários. É ágil, prático e tudo mais. Por outro lado, com muita informação na própria cabeça, a gente vai estabelecendo novos circuitos neurais e vão brotando novas ideias o tempo todo. A nuvem só guarda. Não pensa. E “inteligência artificial”? Primeiramente, cabe frisar que o seu consumo de água e energia faz dela uma força extremamente nociva¹⁰. E também não pensa. Máquinas e programas não têm criatividade,

7. <https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/2688-8319.12014>

8. <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/spirit-bear>

9. <https://academic.oup.com/biolinnean/article-abstract/98/3/479/2532253?redirectedFrom=fulltext&login=false>

10. Veja por exemplo: <https://tunubesecamirio.com/> & <https://www.theguardian.com/technology/article/2024/jul/02/google-ai-emissions>, & <https://www.bbc.com/news/articles/cewd5014wpno> & <https://theconversation.com/ais-excessive-water-consumption-threatens-to-drown-out-its-environmental-contributions-225854> & <https://ethicalgeo.org/the-cloud-is-drying->

não têm inteligência emocional, não têm ética, nem novas ideias. Só processam, em pouco tempo, muitas informações já existentes. Tanto que o neurocientista Miguel Nicolelis está chamando “inteligência artificial” de “NINA”: nem inteligente, nem artificial¹¹, já que milhares de pessoas estão trabalhando de graça para fornecer dados aos programas. Um terceiro problema com estes “buscadores acelerados” está ligado a problemas inerentes à internet. Não é só porque programadores têm as suas visões, entendimentos e limitações, que acabam influenciando o seu trabalho, em algo que vem sendo chamado de “preconceito algorítmico”¹². A questão, porém, é muito maior. A informação que se encontra online é seleta. É conhecimento de regiões e grupos bem específicos. Há muito conhecimento mundo afora que nunca passou perto da internet. Há todo um mundo de saberes, entendimentos, práticas e aprendizagens, e até estudos universitários em línguas consideradas exóticas, que não se encontram por ali. Como “inteligência artificial” usa dados deste conhecimento limitado e bem específico presente na internet, e ainda tem que filtrar para chegar a algum resultado¹³ minimamente viável, usa o que vem sendo mais citado, e acaba reforçando ainda mais este processo já ultrasseletivo. Já há quem fale em colapso de conhecimento. A conclusão? A memória humana é de suma importância. Vamos cuidar dela?

MEMORAL —

O CULTIVO DE MEMÓRIAS ORAIS

As técnicas mnemônicas, ou mnemotécnicas, existem mundo afora¹⁴. Nas mais diversas culturas, há inúmeros exemplos de objetos be-

[our-rivers-water-usage-of-ai-data-centers/](https://www.cartacapital.com.br/artigo/por-que-deveriamos-estar-discutindo-os-data-centers-na-cop30/) & <https://www.cartacapital.com.br/artigo/por-que-deveriamos-estar-discutindo-os-data-centers-na-cop30/>

11. <https://www.cartacapital.com.br/video/boom-de-ia-e-o-maior-delirio-coletivo-da-historia-da-humanidade/>

12. Alguns exemplos aqui: <https://guides.lib.fsu.edu/c.php?g=1060571&p=7867273> e aqui: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/racismo-algoritmico-quando-o-preconceito-e-programado-pela-tecnologia>.

13. Veja, por exemplo, o artigo ‘Holes in the web’, de Deepak Varuvel Dennison : “Huge swathes of human knowledge are missing from the internet. By definition, generative AI is shockingly ignorant too”. <https://aeon.co/essays/generative-ai-has-access-to-a-small-slice-of-human-knowledge>

14. Os exemplos que se seguem foram elaborados a partir de [estudos de Lynne Kelly](#), que pesquisa memória no contexto de oralidade e também educação. O seu livro *The Memory Code* traz uma visão

líssimos, carregados de informações e aprendizagens, que contam histórias. O que muda é a sua forma e o seu conteúdo. Surge então a pergunta: qual informação vale a pena conhecer, saber, lembrar de uma maneira profunda, que conecta, fisicamente até, e por muito tempo? E para evitar qualquer problema com apropriação cultural, proponho o nome MEMORAL para os objetos que formos fazer. *Memo*-de memória, *oral* de tradições orais, *-al* de bambuzal, milharal... de maneira que teríamos “o conjunto, o cultivo de memórias orais”.

MEMORAL –
BARREIRA VERDE

Para ilustrar como funciona a mnemotécnica que, por exemplo, é usada nos maravilhosos *Lukasa* do povo *Luba* da bacia do Congo – pranchetas de madeira com inúmeras histórias e informações codificadas com entalhe e miçangas – segue um exemplo com fogo. Um exemplo de fogo e de resiliência a incêndios em terras cada vez mais secas. A permacultura traz algumas ideias e sugestões: há plantas que viram uma tocha no primeiro contato com a primeira faísca, e há outras espécies que demoram¹⁵ para queimar – mas é vital lembrar que não existem plantas que não queimam. Este exemplo foca então na possibilidade de plantar uma barreira de proteção, plantada em direção perpendicular aos ventos dominantes da época seca. Uma barreira de plantas retardantes ou resistentes ao fogo para compor um cinturão verde que proteja da irradiação do calor, retenha faíscas e reduza a velocidade do vento. O objetivo aqui é lembrar facilmente as espécies.

geral, *Memory Craft* foca nas técnicas, *The Knowledge Gene* elabora genética e diversidade, e *Songlines: the power and promise*, escrito junto com Margo Neale, aborda um sistema aborígene australiano.

15. <https://wfca.com/wildfire-articles/fire-resistant-plants> & <https://www.acsgarden.com/articles/other-gardening/designing-and-planting-a-firebreak.aspx> & <https://deepgreenpermaculture.com/2020/02/25/australian-native-and-exotic-fire-resistant-trees-and-plants-for-fireproof-landscapes>

Apresentando as plantas:



(1) a **Espada de Ogun**, também conhecida como **Espada de São Jorge**, é uma planta baixa, muito resistente, de raiz forte e origem africana. O nome científico da Espada mais comum por aqui é *Sansevieria trifasciata*.



(2) A segunda planta é uma espécie de luca, *Yucca gigantea*, uma árvore americana. Um dos seus nomes em inglês é *Spanish Dagger* – se fôssemos traduzir ao pé da letra, ficaria “**Punhal Espanhol**”. Esta árvore resistente, de crescimento devagar, dá flores brancas comestíveis.



(3) Já o **Alecrim**, *Salvia Rosmarinus*, é uma espécie medicinal originalmente da região mediterrânea, muito usada como tempero na comida, e também na perfumaria. É uma planta melífera: as suas flores, entre azul e roxo, atraem muitas abelhas.



(4) E a **Aroeira Vermelha**, *Schinus terebinthifolia*, é uma árvore medicinal poderosa, nativa. Ela dá flores melíferas, para depois se encher de frutinhas bem vermelhas, que passarinhos adoram e que podem ser usadas como condimento também.



(5) Bem conhecida é a **Amora**, *Morus Nigra*, uma árvore frutífera adaptável, trazida do Oriente para a produção de seda. Ela deixa cair as folhas na seca e é uma planta dióica: há plantas femininas e masculinas.



(6) Por fim, a **Feijoa**, *Acca sellowiana*, outra árvore frutífera brasileira, parente das Goiabas e nativa dos planaltos sulinos. As folhas são prateadas embaixo e peludinhas. As suas flores, carnosas e comestíveis, são de um rosa delicado.

Para codificar essas plantas para um MEMORAL, poderíamos associar espécies e cores:



A **Espada de Ogum** ficaria com **azul**, já que a cor de Ogum é azul.



O **Spanish Dagger** seria cinza, metálico, por causa do material dos punhais.



O **Alecrim** é roxo, puxando para o lilás: a cor das suas flores.



Já a **Aroeira** fica com vermelho, a cor dos seus frutininhos.



E a **Amora** com um roxo bem escuro, quase preto, por causa da cor da fruta.



Por fim, a **Feijoa** é rosa, igual às suas flores.

Agora há, então, a possibilidade de representar essas seis plantas com seis miçangas coloridas.

Dando um passo a mais, podemos pensar a organização espacial delas: uma linha reta de miçangas bem poderia representar a barreira retardante de fogo. Daria para completar com uma outra linha de, por exemplo, vegetação a ser evitada: as plantas que pegam fogo com extrema facilidade, tal como árvores resinosas, inclusive muitas coníferas. Estas espécies poderiam ser colocadas em forma de flecha, já que elas aceleram e intensificam o fogo. Daria para acrescentar também plantas medicinais, por exemplo num círculo. Plantas tóxicas poderiam ser representadas por uma linha deitada...



E ainda dá para ir mais longe: representando todas as espécies retardantes com uma só história. Assim:

O *Spanish Dagger* e a *Espada de Ogum* tiveram uma briga feia. Os dois ficaram gravemente feridos. Para prestar primeiros socorros, o *Alecrim* correu até o *Spanish Dagger*, e a *Aroeira* até a *Espada de Ogum*. Fizeram as pazes e comeram *Amora*. Ficaram com fome e comeram *Feijoa*.

Assim: com um **Dagger** (punhal) e uma **Espada** é previsível que haja machucados e feridas. Então o **Alecrim** vai ajudar o **Spanish Dagger**, pois os dois são da região do Mediterrâneo. Mas, em vez de ajudar, ele presta *primeiros socorros*, já que **Alecrim** começa com a *primeira* letra do alfabeto. A **Aroeira**, que ajuda a **Espada de Ogum**, também começa com A. Depois tudo vira paz & **Amor/a**. E quem não gosta de feijão quando está com fome? Feijão-**Feijoa**. E esta história incorporando as seis espécies poderia ser representada por uma só miçanga, que, em se tratando de combate ao fogo, poderia ser **azul** – como água.

FOGO

O **Spanish Dagger** e a **Espada de Ogum** tiveram uma briga feia. Os dois ficaram gravemente feridos. Para prestar primeiros socorros, o **Alecrim** correu até o **Spanish Dagger**, e a **Aroeira** até a **Espada de Ogum**. Fizeram as pazes e comeram **Amora**. Ficaram com fome e comeram **Feijoa**.



É claro que todas essas associações são bem pessoais. Caso um MEMORAL assim fosse feito, usado e compartilhado num grupo por um bom período, com o tempo viraria conhecimento cultural. Se um MEMORAL com este e outros conhecimentos fosse usado por muito tempo, passaria a assumir características de uma entidade cultural para aquele grupo naquele contexto. Dá para usar esta técnica em educação, em comunidade, para uso pessoal... Quanto à forma, poderia virar uma pulseira ou colar, uma bolsa, uma tatuagem, uma sequência de marcas numa mesa... é um convite para soltar a sua imaginação!

As mnemotécnicas, ou melhor, os MEMORAIS, assumem então, em diferentes lugares e tempos, formas incrivelmente diversas. E ao juntar vários elementos, várias camadas e técnicas em um só MEMORAL, a tendência é ficar mais memorável ainda. O conhecimento a lembrar e/ou

transmitir é primeiramente estudado, organizado, depois codificado e aí representando pintando, talhando, costurando... Essas etapas todas já contribuem para fortalecer essa memória. Ela deixa de ser apenas cognitiva e abstrata, ganha contornos conectivos e físicos. Voltando ao exemplo do fogo e expandindo-o um pouco mais: com o tempo acaba surgindo uma densa barreira verde de proteção. Aí a própria barreira poderá servir de MEMORAL. E mais, esta barreira pode acumular histórias, experiências, conhecimentos sobre fogo. A informação acaba adquirindo uma dimensão de espaço.

Imagine notar a barreira numa noite com uma bela lua cheia: bem pode surgir uma ocasião para compartilhar o porquê do feitio da barreira. E isso puxa uma história de quando teve um incêndio na vizinhança, e como a luz da lua cheia contribuiu para poder apagá-lo mesmo à noite. Esta história de repente abrange o conhecimento adquirido naquela ocasião, de que fogo ameniza à noite com as temperaturas mais baixas. História esta que, por sua vez, puxa uma outra com a aprendizagem de que fogo sobe mais rápido pelas encostas do que desce para os vales. O conhecimento é cumulativo. As camadas vão aumentando, e o poder do MEMORAL também. A linha de pensamento vai ficando mais complexa, vai formando uma rede, uma teia. Caso passássemos a celebrar bem ali, na barreira verde, as primeiras chuvas da virada de estação com uma festa, com a presença do nosso primeiro MEMORAL, com encenações das histórias, com cantos e danças do conhecimento, estaríamos fortalecendo estas memórias e estaríamos criando uma tradição cultural. Assim, em qualquer ocasião e lugar em que se vê uma destas espécies protetoras, a história, o MEMORAL e a celebração vão surgir em mente. Estaríamos indo para aquilo que a Célia Xakriabá chama de ReflorestamentE.

A história da Barreira de Proteção serve para começar a entender um pouco do funcionamento das mnemotécnicas nas *Songlines*, a densa rede das longas Linhas de Canto Aborígenes na Austrália. Imagine que nós fôssemos de MEMORAL em MEMORAL, conectando as histórias com cantos, seguindo diretrizes e pistas da paisagem em nossa volta. Celebrando os olhos d'água, contando uma história de brejo avisando sobre jararacas, outra de rochedos falando de cascavéis... Uma história sobre os dois picos e as duas caras da Montanha dos Chapéus, e como mudam com o passar

das estações. Um canto sobre a voz da Cachoeira do Ronco e quão longe ela chega... Estaríamos andando por uma paisagem encantada.

MEMORAL –

12.000 ANOS DE HISTÓRIA

Estas técnicas, de uma forma muito básica, podem inspirar o uso escolar também. Podemos transformar informação especial em conhecimento gravado na memória. O tema escolhido para trabalhar aqui, visto o contínuo apagamento da história de antes dos portugueses, antes do Brasil, é arqueologia. Segue então um exemplo de uso didático de uma “rota MEMORAL” com objetivo de ensinar sobre arqueologia no Rio Grande do Sul. Terras onde hoje vivem os *Charrua*, *Kaingang*, *Mbya-Guarani* e *Xokleng* – onde, no censo de 2022, foram registrados mais de 36 mil indígenas, e onde há muitos territórios aguardando a demarcação. O Rio Grande do Sul é, hoje em dia, um dos estados com mais conflitos por disputas de terra. Mas também é o estado onde, entre 2013 e 2014, houve uma grande exposição do museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o passado ameríndio: *12.000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul*. Eles também lançaram um site¹⁶, um documentário¹⁷ e material didático¹⁸. É o material vinculado a essa exposição que foi usado como base de informação para esta atividade.

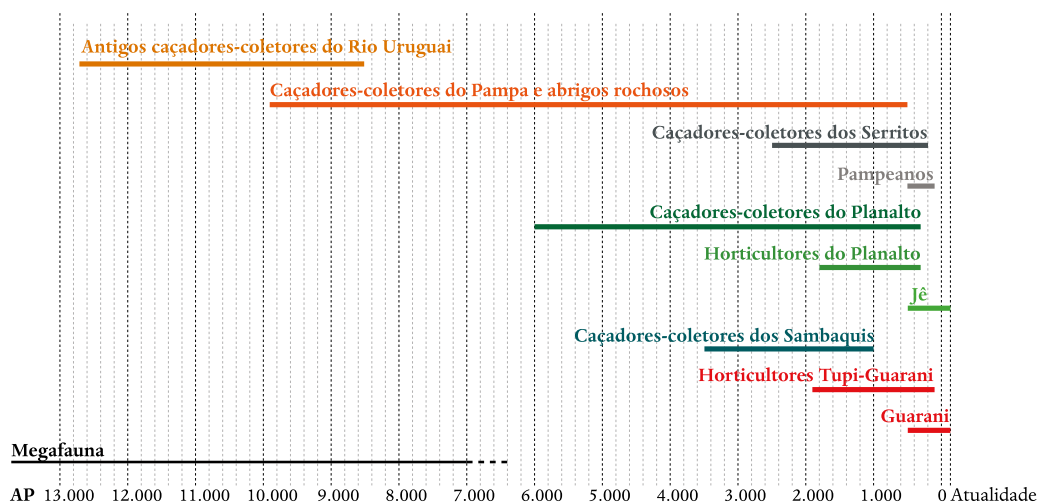
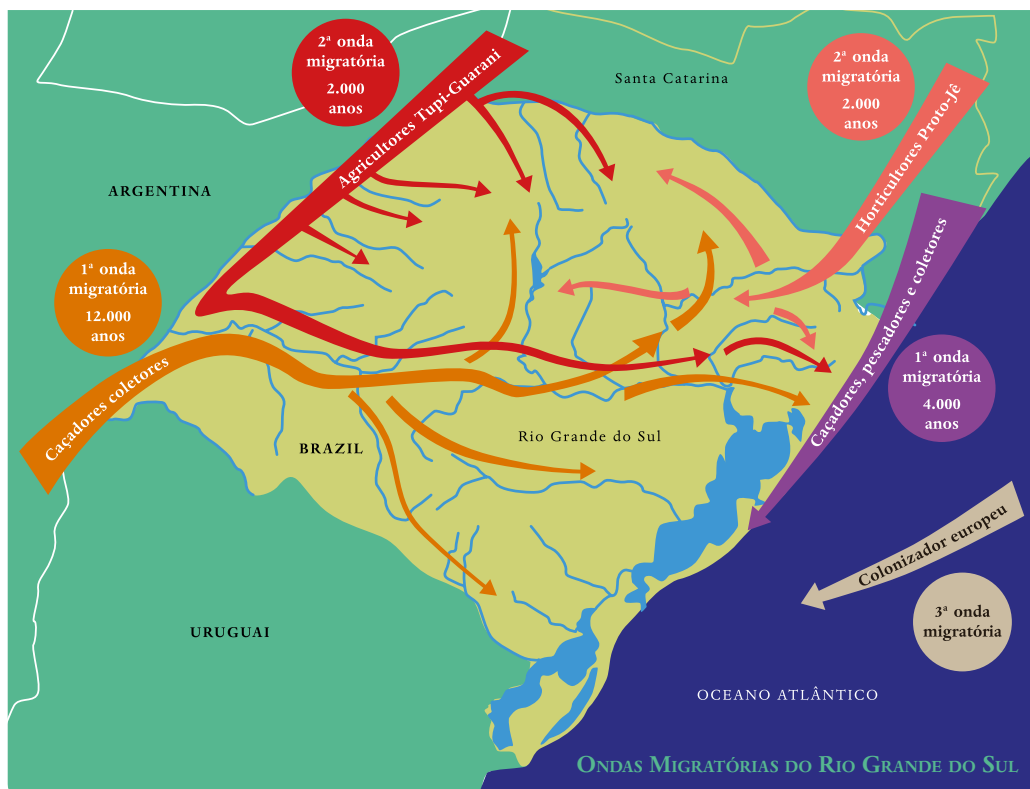
Vamos visitar uma escola pública rural grande, com oito salas de aula. Vamos lá? Cada uma das suas portas é transformada em um MEMORAL, ao se fixar objetos nelas. E vamos percorrer o roteiro das portas de maneira que surge uma história maior, onde cada porta contribui com uma parte. Cada porta, aliás, MEMORAL, dá acesso a um povo e algum artefato representativo, que por exemplo pode vir em forma de uma foto a passar pelo grupo de alunos, ou pendurada no lado interno da porta. Ao ouvir as histórias locais das portas, surge a história estadual do roteiro.

16. <https://www.ufrgs.br/museu/12000-anos>

17. Documentário *12.000 Anos de História - Arqueologia e Pré História do RS*.

18. <https://www.ufrgs.br/museu/as-tres-ondas-no-rs>

Começamos a enxergar conexões e cronologias. Começamos a ter uma noção das origens do que hoje é chamado de Rio Grande do Sul.

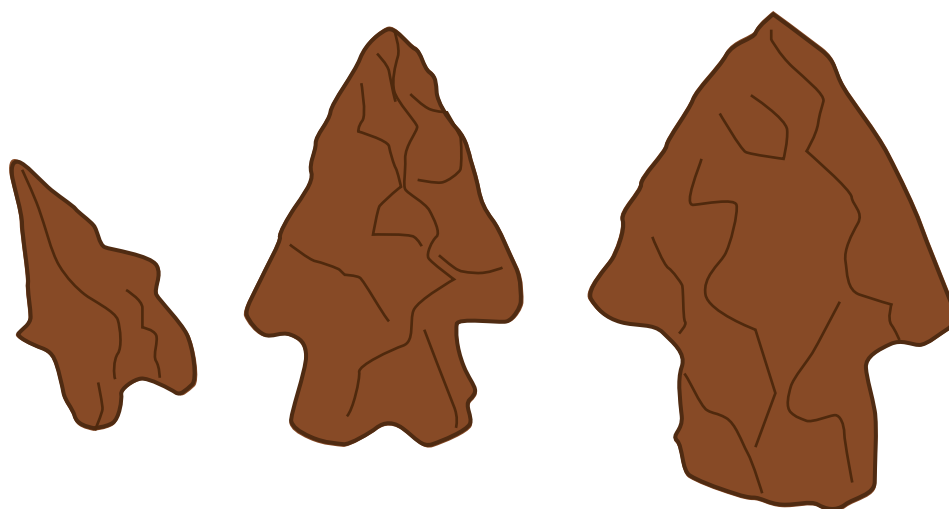


Mapa e linha do tempo elaborados a partir de informações da exposição
12.000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul.

Vamos viajar no tempo? Vamos andando até a primeira porta, que é inteiramente branca. Estamos saindo da Era do Gelo e o nosso grupinho vai se deslocando pelos rios no sul do estado. Há perigo nos espreitando em todo lado, tal como as enormes e velozes Aves-de-Terror: formidáveis caçadoras de 3 metros de altura, pesando até 150 quilos. Imagine uma Seriema gigantesca (são descendentes mesmo!) com um

bico de águia gigante, capaz de martelar e rasgar... Seguimos o rio. É claro que tanta andança e alerta dão fome, e precisamos caçar.

(1) Esta **porta branca** representa os **Caçadores & Coletores do Rio Uruguai**, e um exemplo de artefato arqueológico que vem deste grupo é uma **ponta de flecha**.

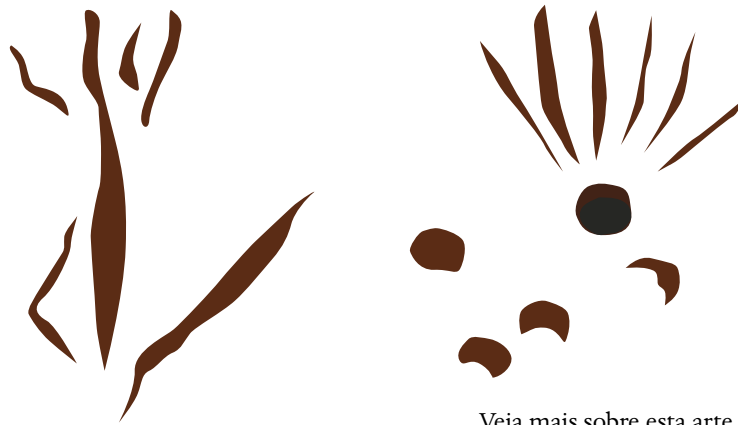


Pontas de flecha típicas do Sul. Veja mais no [Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul](https://museu.arqueologico.riogrande.rs.gov.br/).

Caminhamos até a segunda porta, com uma miniatura de fusquinha afixada na altura dos olhos das crianças. O nosso grupinho vai saindo dos vales e subindo aos poucos. O frio, o vento e a seca se fazem presentes. Manadas de cavalos correm em bandos. Estamos bem atentos por causa da megafauna: as preguiças gigantes, os ursos, as “antas” (*macrauquênia*), “hipopótamos” (*toxodontes*), “elefantes” (*mastodontes*) e até tigres-dentes-de-sabre...¹⁹ Trombamos com o casco velho de um tatu gigante (*gliptodontes*), do tamanho de um Fusca! Decidimos usá-lo para nos abrigar e descansar depois da refeição.

19. <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mastofauna-extinta/> & <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/paleontologia/pale033.html> & <https://igeo.ufrj.br/2025/01/29/muito-alem-da-era-do-gelo-pesquisa-da-ufrj-redefine-historia-da-megafauna-no-brasil/> & <https://parajovens.unesp.br/a-megafauna-do-pleistoceno-tardio-quando-animais-enormes-vagavam-pela-terra/>

(2) Esta **porta do Fusca** representa os **Caçadores & Coletores do Pampa e dos Abrigos Rochosos**, e um exemplo da sua arte são as **pinturas rupestres**.

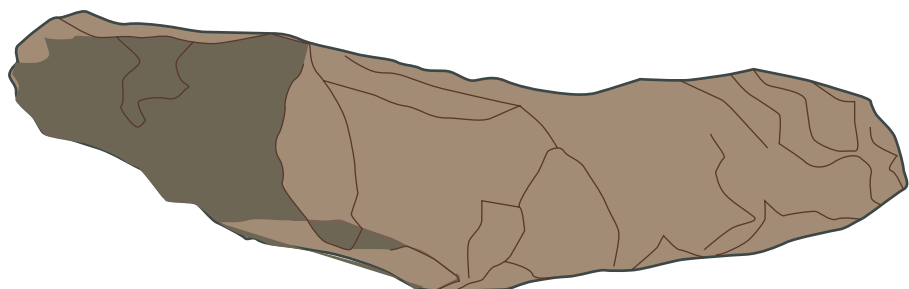


Veja mais sobre esta arte rupestre em:

<https://repositorio.upf.br/items/ed6c1263-d050-4765-a485-4d155bb99890/full>, na página 61.

A caminho para a terceira porta, notamos um bumerangue preso nela. Estamos descansados, vamos subir mais ainda. Se de lá dos vales chegamos nos sopés das montanhas, agora vamos para o planalto mesmo. Vivemos um tempo em cada canto, fazendo ferramentas de pedra debaixo das imensas Araucárias. Fazemos raspadores, por exemplo, para trabalhar as peles das caças e assim poder fazer roupas e outras coisas mais. Comemos também muitas sementes de Araucárias e, inclusive, carregamos os pinhões, assim aumentando as matas sulinas.

(3) Esta **porta do bumerangue** representa os **Caçadores & Coletores do Planalto**, e entre os seus vestígios líticos há **artefatos em formato de bumerangue**.

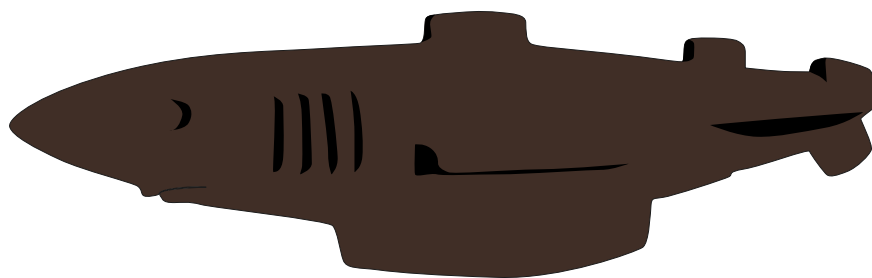


Encontre mais informações aqui:

<https://repositorio.upf.br/items/ed6c1263-d050-4765-a485-4d155bb99890/full>, na página 97.

Vamos para a quarta porta, com uma concha presa a ela. Depois dos vales, dos sopés e do planalto, vamos rumar para o litoral. O gelo recuou e o mar subiu. Lá, a nossa turminha, que migrou do norte, vive no alto duma elevação, chamada concheiro ou sambaqui, feita sobretudo de conchas, mas também tem terra preta, areia, carvão... Vivendo no alto e à beira-mar, temos uma boa visão da região, além de mantermos os pés secos. Você lá, na porta da sua cabana, ouve os cânticos chegando? Vamos ao enterro da anciã, e vamos honrar a sua sabedoria: colocamos o seu corpo para descansar e colocamos²⁰ figuras de pedra por cima da sua cabeça, e outras duas na altura dos ombros...

(4) A porta da concha representa os Pescadores & Coletores dos Sambaquis, que nos deixaram os seus belíssimos zoólitos.



Saiba mais sobre os zoólitos dos pescadores e coletores no website da [Universidade Federal do Rio Grande do Sul](https://www.furg.br/).

Rumo à quinta porta, marcada com uma corda, vamos voltar terra adentro, vamos para as áreas alagadiças, com comida farta. Nós também viemos do norte. O nosso grupinho continua morando em cima de elevações que erguemos: os serritos. E também fazemos sepultamentos com oferendas funerárias nos serritos. Mas, para caçar, bolamos um apetrecho diferente: boleadeiras. Nas pontas de uma corda, amarramos pedras, redondas ou ovais, e ao caçar giramos e jogamos para fazer a caça tropical. São as nhanduzeiras. Mas também fazemos boleadeiras com três bolas e com uma bola só, estas últimas são chamadas de “bola perdida”. Todas também servem para confrontos.

20. Zoólitos em contexto de enterro são conhecidos de, por exemplo, um sambaqui em Joinville, SC. Veja: <https://arqueologiaeprehistoria.com/2021/03/29/voce-sabe-o-que-e-um-sambaqui/>

(5) A **porta da corda** representa os **Caçadores & Coletores dos Serritos**, e **boleadeiras** são exemplos do seu testemunho, também juntadas nos enterros.



Boleadeira de ponta. Saiba mais em [Museu de História Julio de Castilhos](#).

Para ir à sexta porta, a porta do esqueleto, depois de termos vindo dos vales, passado em grutas, morado no planalto, no litoral e nas planícies alagadiças, vamos um pouco mais terra adentro, mas ficamos perto das águas. Somos migrantes da Amazônia e aqui vivemos nas florestas densas ao longo dos rios, usando a técnica de coivara para plantar mandioca, milho, batata doce, cará, abóbora, amendoim e feijão, entre outros. Moramos em aldeias, em grandes casas que abrigam várias famílias. Lá do norte trouxemos cerâmica também, toda decorada. São vasilhames e potes para bebida e comida, e também para enterros.

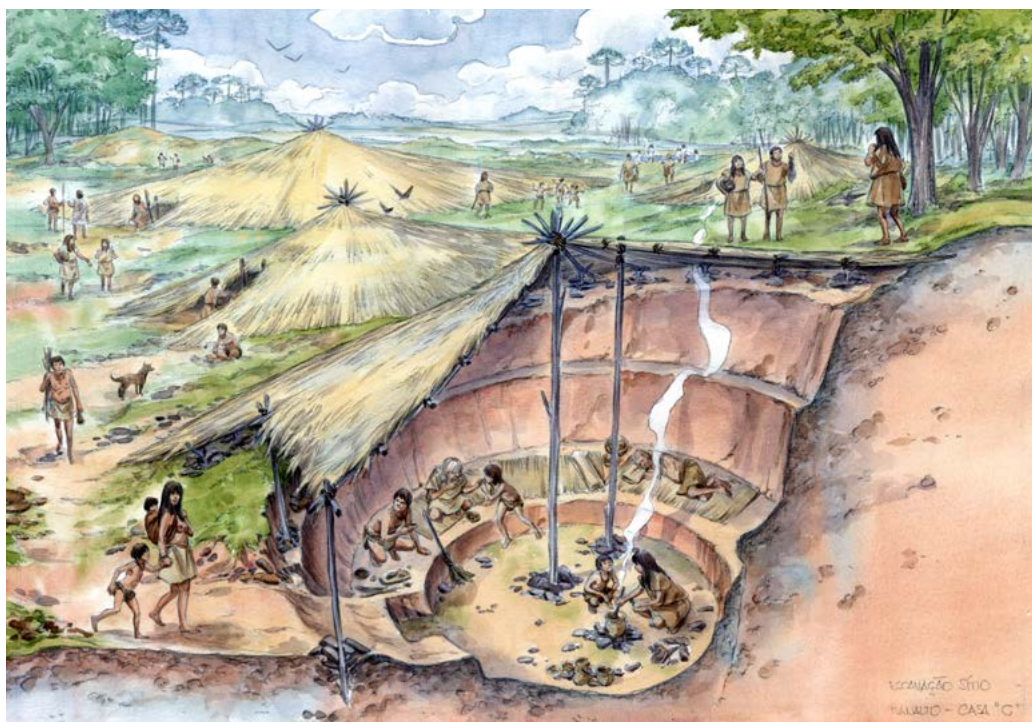
(6) A **porta do esqueleto** representa os **Agricultores Tupi-Guarani**, que enterravam seus mortos em grandes **urnas funerárias**.



Urna funerária Tupi Guarani. Para saber mais sobre artefatos indígenas no Rio Grande do Sul, acesse: [Arqueologia digital e história indígena no RS: o povoamento inicial através de artefatos](#).

Para chegar na sétima porta, a da telha, depois do litoral, dos brejos e dos rios, voltamos para o planalto, para os pinhais dos Campos de Cima da Serra. Somos migrantes nortenhos também: um povo **Proto-Jê**. Plantamos milho e moranga, caçamos e coletamos. Construímos com terra, fazemos casas e abrigos subterrâneos redondos, além de danceiros, que são grandes espaços rituais, abertos e circulares. As casas têm até 20 metros de diâmetro. Na parte central tem espaço para a fogueira. Usamos vasilhames decorados de cerâmica, conhecidos como da Tradição **Taquara**.

(7) A **porta da telha** representa os **Horticultores do Planalto**, que construíam **casas e abrigos subterrâneos**, que foram escavados para pesquisas arqueológicas.



Reconstituição gráfica de uma aldeia com casas subterrâneas.

Ilustração: Ana Luiza Koehler.

Pela oitava porta chegamos no fim sangrento da Era Indígena. Daqui em diante há luta, há sobrevivência, há resistência, há resiliência. Os **Charrua** seguiram o caminho da invisibilidade, que lhes custou a língua. Hoje se encontram em Porto Alegre. Os povos **Jê**, os **Kaingang**, os **Xokleng** e os **Guarani** se fazem presentes no estado inteiro. Há 65 terras

indígenas em processo demarcatório²¹: 36 em estudo, 7 declaradas, 2 delimitadas e 20 regularizadas.

(8) A **porta vermelha** representa o sangue dos povos que enfrentaram o colonizador, os **Pampeanos**, entre eles os **Charrua**, os povos **Jê**, da antiga Cultura **Taquara**, e povos **Guarani** dos vales dos rios.

Ao andar pelo roteiro, vendo e ouvindo, esta memória vira uma memória física. A caminhada poderá ser feita até mentalmente depois. A memória seria reforçada consideravelmente ao juntar alguma música simples à caminhada, talvez com uma estrofe para cada porta e um refrão que volta. E, novamente, podemos lembrar a história também na forma de uma estória. Ajuda muito se você, com tempo e atenção, busca visualizar tudo o mais detalhadamente possível. Que cor é que este Fusca tem? De que jeito é a concha? Estas fotos mentais ajudam demais a memória. A história é assim:

A TRISTE HISTÓRIA DO FUSQUINHA

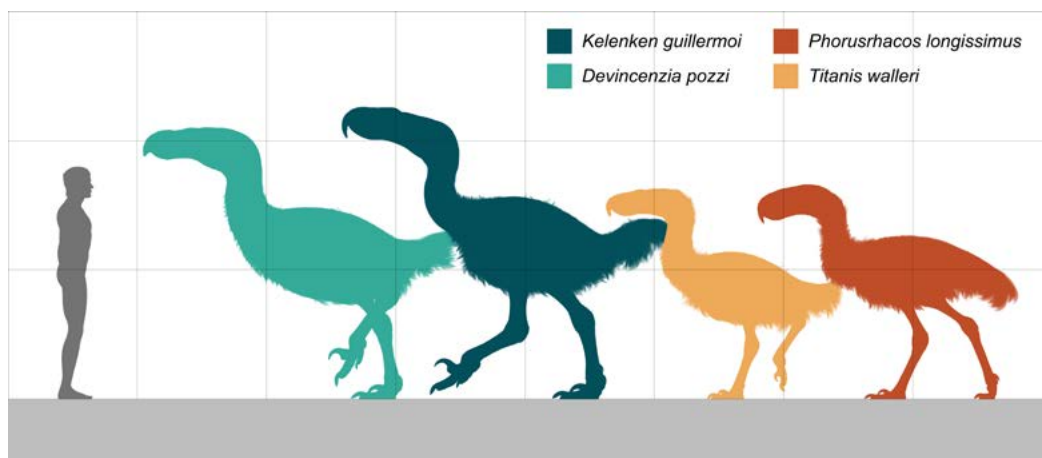
Duma imensa **branquidão** (1) surge um **Fusquinha** (2). Chego perto, olho, abro a porta da frente e vejo um **bumerangue** (3) no assento do motorista. Pego o bumerangue, sento e guardo no porta-luvas. Mas aí vejo que, no assento do lado, tem uma **concha** (4). Pego a concha e guardo junto com o bumerangue. Ao colocar a mão no câmbio, noto que há uma **corda** (5) enrolada nele. Tiro e guardo a corda junto com o bumerangue e a concha, aproveitando para protegê-la. Ao olhar para fora pelo para-brisa, vejo um **esqueleto** (6) pendurado no espelho. Deixo balançando lá e vou embora. Quero ir para **casa** (7). Está extremamente escuro e ainda tem neblina – e a gente cai no buraco. Chamas de um intenso **vermelho** (8) consomem tudo.

21. <https://www.ufrgs.br/humanista/2023/04/04/rs-tem-65-territorios-aguardando-demarcacao-e-situacao-de-povos-indigenas-no-estado-preocupa/>

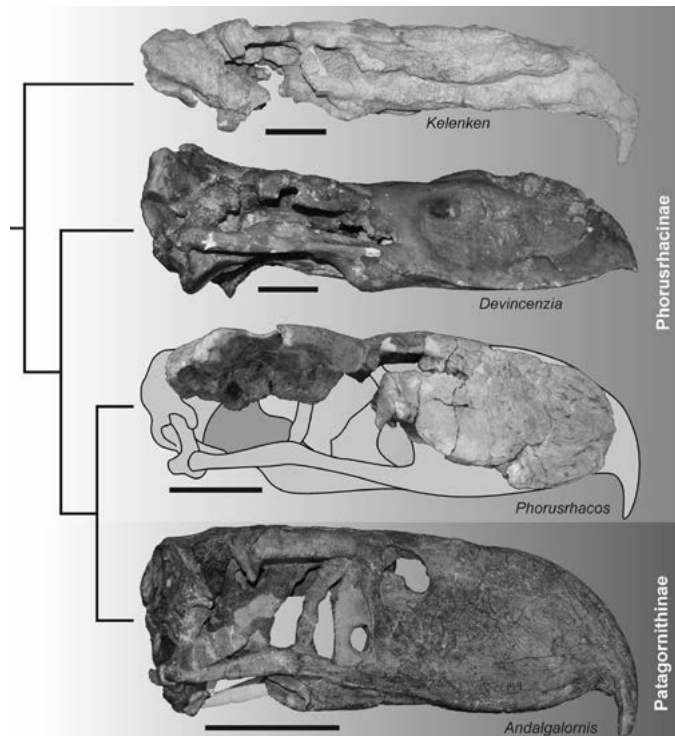
A cronologia é reforçada pela lógica de quando se entra num carro. Pode servir como complemento, ou simplesmente de lembrete para educadores. O principal é caminhar ao longo das portas, ouvindo as suas histórias. A cada semestre dá para fazer uma caminhada, expandindo cada vez mais, aumentando com uma porta por vez, ou alterando narradores ou acrescentando informações... Nas salas atrás das portas, daria para expandir o momento histórico com mais objetos culturais dos respectivos povos. As possibilidades são amplas. A primeira instalação vai dar um pouco de trabalho, mas daí em diante é só caminhar, contar histórias, compartilhar para lembrar.

Para encerrar, uma espiadinha na sala de aula atrás da porta branca. A ROTA MEMORAL pode servir como base, como fio condutor que convida para ir percorrendo caminhos laterais e construir camadas sobrepostas. Funciona como um cabideiro, com ganchos para pendurar assuntos novos, e simultaneamente dando contexto a eles. Assuntos novos apresentados dentro de um contexto são mais significativos e mais memoráveis. Está vendo a parede do fundo da sala da porta branca? Tem duas imagens penduradas (talvez sejam penduradas uma por vez, para aumentar o suspense, caso o assunto seja elaborado em vários encontros).

E assim, ao tratar de dinossauros ou do Grande Intercâmbio Americano, em vez de falar de *Tyrannosaurus rex* ou então complementando a história desta fera norte-americana, chegou a hora de falar das aves de terror:



Crédito: PaleoNeolithic. Wikimedia Commons.
Essa imagem está licenciada sob o Creative Commons Attribution 2.0 Generic license.



Crédito: Federico J. Degrange, Drew Eddy, Pablo Puerta, e Julia Clarke.
Essa imagem está licenciada sob o Creative Commons Attribution 2.0 Generic license.

As aves da ordem *Cariamae*, ou *Cariamiformes*, existem há mais de 50 milhões de anos e, apesar de hoje só haver duas espécies descendentes, as *Seriemas* *Cariama cristata* e a *Chunga burmeisteri*, já foram um grupo grande, habitando extensos territórios nas Américas. A família das Aves de Terror, os *Phorusrhacidae*, com espécies como Kelenken e Titanis, contava com aves gigantescas de até três metros de altura, de asas pouco desenvolvidas e portanto sem voo, mas ágeis e muito velozes na corrida, alcançando 50km/h. Eram predadoras carnívoras de topo de cadeia, dotadas de bicos enormes e curvados, como os das aves de rapina atuais, bem afiados e desenvolvidos especialmente para rasgar a carne de suas presas. Os *Forusracídeos* foram os únicos grandes predadores sul-americanos que migraram para o norte durante o Grande Intercâmbio Americano, pela ponte de terra do Istmo do Panamá.

Dá para abordar paleontologia, geologia, as grandes extinções... E ao falar de aves em biologia, por exemplo no contexto de evolução biológica, ou então em educação ambiental, ecologia... estas Aves do Terror

vão servir de base e dar um contexto histórico para tratar de **Seriemas**. Em vez de falar de aves em geral, ou de alguma espécie qualquer, a escolha cairia justamente nelas, por se encaixarem neste contexto maior da ROTA MEMORAL:

A **Seriema**, *Cariama cristata*, é uma ave grande, campestre e exclusivamente sul-americana. Suas penas macias são marrom acinzentadas, e tanto seu bico quanto suas longas pernas são vermelhos. Na cabeça tem um longo tufo de penas, e é uma das poucas aves com pestanas! **Seriemas** gostam de cantar em duetos, é um canto poderoso e marcante, carregando muito longe: “kie, kié, kie, kie, kie, kie, kie, ke, ke, ke”. Elas comem desde insetos até pequenos animais, além de ovos e frutos. Matam com o bico: desmembram as presas maiores pisando sobre elas e retirando pedaços com o bico poderoso. Já que comem cobras, são bem-vistas na área rural e acabam se acostumando com a presença humana e frequentando quintais.

As **Seriemas**, por sua vez, podem levar a uma história de como o território delas está expandindo com as secas, o que leva a uma história sobre os Rios Voadores... as possibilidades são infinitas.

É isso, vamos encerrar em dueto com as **Seriemas**? Obrigada pela companhia!



Foto: Henrique Bitencourt

Essa imagem está licenciada sob o Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International.



Patrick Nunn:

<https://theconversation.com/ancient-aboriginal-stories-preserve-history-of-a-rise-in-sea-level-36010>

<https://aeon.co/essays/the-stories-of-oral-societies-arent-myths-theyre-records>

Tyson Yunkaporta:

<https://emergencemagazine.org/conversation/deep-time-diligence/>

Povos Kitasoo, Xai'xais e Gitga'at:

<https://klemtu.com/>

<https://www.gitgaatnation.ca/>

<https://www.indigenousguardianstoolkit.ca/story/spirit-bear-research-foundation-research-rooted-indigenous-knowledge-and-community-values>

<https://spiritbear.com/wildlife/spirit-bear/>

Ursos:

<https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/2688-8319.12014>

<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/spirit-bear>

<https://academic.oup.com/biolinnean/article-abstract/98/3/479/2532253?redirectedFrom=fulltext&login=false>

Tecnologia:

<https://tunubeseacamirio.com/>

<https://www.theguardian.com/technology/article/2024/jul/02/google-ai-emissions>

<https://www.bbc.com/news/articles/cewd5014wpno>

<https://theconversation.com/ais-excessive-water-consumption-threatens-to-drown-out-its-environmental-contributions-225854>

<https://ethicalgeo.org/the-cloud-is-drying-our-rivers-water-usage-of-ai-data-centers/>

<https://www.cartacapital.com.br/artigo/por-que-deveriamos-estar-discutindo-os-data-centers-na-cop30/>

<https://www.cartacapital.com.br/video/boom-de-ia-e-o-maior-delirio-coletivo-da-historia-da-humanidade/>

<https://guides.lib.fsu.edu/c.php?g=1060571&p=7867273>

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/racismo-algoritmico-quando-o-preconceito-e-programado-pela-tecnologia>

<https://aeon.co/essays/generative-ai-has-access-to-a-small-slice-of-human-knowledge>

Lynne Kelly:

<https://www.lynnekelly.com.au/>

Barreira verde:

<https://wfca.com/wildfire-articles/fire-resistant-plants/>

<https://www.acsgarden.com/articles/other-gardening/designing-and-planting-a-firebreak.aspx>

<https://deepgreenpermaculture.com/2020/02/25/australian-native-and-exotic-fire-resistant-trees-and-plants-for-fireproof-landscapes/>

Rio Grande do Sul:

<https://www.ufrgs.br/museu/12000-anos>

<https://www.youtube.com/watch?v=qgKyUJLbF6k>

<https://www.ufrgs.br/museu/as-tres-ondas-no-rs>

<https://repositorio.upf.br/items/ed6c1263-d050-4765-a485-4d155bb99890/full>

<https://www.ufrgs.br/museu/primeira-onda-4000-anos/>

<https://arqueologiaeprehistoria.com/2021/03/29/voce-sabe-o-que-e-um-sambaqui/>

<https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-etnologica/boleadeira-de-ponta-3/>

https://www.academia.edu/126453550/Arqueologia_digital_e_hist%C3%B3ria_ind%C3%ADgena_no_RS_o_povoamento_inicial_atrav%C3%A9s_de_artefatos

<https://www.ufrgs.br/humanista/2023/04/04/rs-tem-65-territorios-aguardando-demarcacao-e-situacao-de-povos-indigenas-no-estado-preocupa/>

https://www.academia.edu/101945147/%C3%80S_PESSOAS_E_%C3%80_HIST%C3%93RIA_ANTIQUA_DA_AM%C3%89RICA_MERIDIONAL_IND%C3%8DGENA_Arqueologia_Digital_e_Realidade_Aumentada_em_uma_proposta_de_extrovers%C3%A3o_do_patrim%C3%B4nio_arqueol%C3%B3gico_do_Museu_Universit%C3%A1rio_de_Arqueologia_e_Etnologia_MUAE_UFRGS

Megafauna:

<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mastofauna-extinta/>

<https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/paleontologia/pale033.html>

<https://igeo.ufrj.br/2025/01/29/muito-alem-da-era-do-gelo-pesquisa-da-ufrj-redefine-historia-da-megafauna-no-brasil/>

<https://parajovens.unesp.br/a-megafauna-do-pleistoceno-tardio-quando-animais-enormes-vagavam-pela-terra/>

Arqueologia brasileira:

Jecupé, Kaká Werá: *A Terra dos Mil Povos, história indígena do Brasil contada por um índio*; Editora Peirópolis, São Paulo, 1998

Lopes, Reinaldo José: 1499, *O Brasil antes de Cabral*; HarperCollins, Rio de Janeiro, 2017

Prous, André: *O Brasil antes dos Brasileiros, a pré-história do nosso país*; Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2007

Educadora e tradutora, sempre fazendo trilha, passarinhiera e contadora de histórias, que ama ler e adora arte. Mora e planta numa pequena agrofloresta à beira de um ribeirão na bacia do Rio Piracicaba, os *Guarani* sendo os guardiões tradicionais destas terras e águas.

MEGAFAUNA NA CAPA:

Reconstituição de um *gliptodonte*. Imagem licenciada sob o Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported license.

Autor: Pavel.Riha.CB

Agradecemos as perguntas e questionamentos durante a apresentação da primeira versão deste conteúdo na reunião de Aprendizagens Selvagem. Elas contribuíram muito!

Qualquer questão relacionada ao uso de imagens e materiais, escrever para **contato@selvagemciclo.org.br**

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Anna Dantes, a assistência editorial é de Alice Faria. As ilustrações e diagramação são de Tania Grillo e a revisão, de Daniel Grimoni.

Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais da Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/colabore